

Prólogo

Não conto minha história para ser perdoado, pois não faz qualquer sentido pedir perdão, mas sim para ser compreendido, se é que isso algum dia será possível.

No mundo em que vivo, costuma-se dizer que traidores são excelente fruta para estar pendurada das árvores, e eu certamente seria candidato a pendurar-me de uma delas por minha própria vontade, se não acreditasse que toda vida é sagrada, além de saber que para qualquer ação humana sempre existe um motivo que é preciso conhecer antes de passar julgamento sobre quem quer que seja.

A justiça que herdamos dos romanos garante a todo réu o direito de testemunhar a seu próprio favor, tomando-se sua confissão como a mais importante das provas, mas com os traidores isso nunca se dá: somos condenados antes de ser julgados, executados sem ser condenados e integralmente desqualificados já muito antes de nossa execução.

Podeis crer no que vos narro em sua íntegra ou cum grano salis, assim como também podeis tomar minhas palavras como fruto tanto de minha fértil imaginação quanto de meu provável remorso. Isso é vossa tarefa: a minha é contar-vos com a maior precisão possível os fatos dos quais fui personagem, vítima e algoz.

Os que sofrem a traição, sofrem-na profundamente, mas os que a praticam também precisam ver reveladas todas as facetas de seu nefando crime, quando mais não seja para instrução de seus descendentes. Posso parecer-vos cínico, e não o sou: o que me move é a necessidade imperiosa de definir o que seja traição, já que quando o é nunca prospera, e quando prospera, imediatamente deixa de ser traição, tornando-se coisa diferente e boa aos olhos de quem a observa.

ESQUIN DE FLOYRAC

Peço-vos, portanto, alguma paciência para ouvir-me a voz e conhecer-me os argumentos. Creio que não vos desagradarei ao narrar minha história, pois ela traz em si a marca das aventuras e emoções dos tempos que já se foram, e que tantos desejariam ver de volta, como se tivessem sido os melhores dos tempos. Não foram, e eu sei-o bem, por têlos sentido na própria alma. Mas há tarefas que precisamos cumprir, seja este ou não o nosso desejo pleno. Da minha, só posso dizer que a realizei exatamente como me foi ordenado, com todo o meu empenho, tornando-a o destino irrecusável que verdadeiramente já o era.

Só tenho a vos dizer, antes de iniciar minha história, uma palavra a mais: onde existe quebra de confiança, a traição toma sua forma mais horrenda, e é exatamente a ausência deste horror o que me alivia e tranqüiliza, mesmo em meio ao mais profundo desespero.

14

Capítulo 1

Acordei por mim mesmo alguns instantes antes de soarem as Matinas no campanário de Montfaucon: depois de tantos anos de disciplina férrea no aquém e além-mar, obedecendo estritamente à Regra da Ordem, não me recordava da última vez em que tivesse despertado depois dos sinos.

Tomando meu Livro dos Dias, recordei-me ser a data de meu nascimento, assim como o de meu Grão-Mestre e irmão Jacques de Molay, de quem me fizera bom amigo durante tantos anos de vida em comum, considerando-nos ambos quase irmãos de sangue, por termos nascido no mesmo dia, quem sabe na mesma hora.

Ouvi os ruídos que marcavam o despertar de meus irmãos comandados: eu já era Prior de Montfaucon desde alguns anos, e mesmo não havendo necessidade de nos juntarmos para as primeiras orações do dia, cabendo a cada um fazê-las no silêncio e privacidade de sua própria cela, não havia entre os irmãos quem ousasse enganar-se a si mesmo, aproveitando as três horas que separavam as Matinas do Laude, às seis horas da manhã, para dormir mais um pouco.

Todos se erguiam, o Priorado acordava in totum, e mais um dia de trabalho e devoções se iniciava, com o céu ainda escuro e o ar frio da madrugada assobiando por entre as frestas das janelas.

O Laude nos encontraria a todos com mais da metade das obrigações diárias iniciadas, e a primeira refeição seria tomada em silêncio total por parte de todos, menos do Irmão Capelão, que, sem dúvida, nos brindaria com a história do santo do dia, São Thiago, o irmão de Jesus, do alto de seu púlpito.

Lavei o rosto e as axilas com água fria, bochechando com as folhas de hortelã maceradas que descansavam em minha cabeceira desde a noite anterior, para limpar a boca e os dentes: eram hábitos de muitos anos, que eu assimilara em minha passagem pelo Oriente, muito antes de termos mais uma vez perdido os Lugares Santos.

Nosso retorno ao Languedoc, onde a maioria de nós havia nascido, não me fizera perder os costumes alimentares e de higiene que aprendera no Outremer com os devotos de Yahweh e os fiés de Allah: eu insistia em viver dessa maneira mais natural e limpa, fazendo mesmo questão de banhar-me o mais possível.

Sei que muitos de meus irmãos estranhavam tais hábitos, e até me apostrofavam como não-cristão por causa deles. Minha saúde, no entanto, sempre foi melhor que a deles, e neste dia, em que completava sessenta anos de idade, ainda tinha corpo rijo e mente clara, não sentindo nem um pouco o passar dos anos, mesmo sabendo que eles me haviam marcado tanto a face quanto os cabelos e a barba, a cada dia mais completamente branca.